

Livro banido na Arábia Saudita por causa de um excerto do Génesis

INTOLERÂNCIA

As autoridades educativas da região de Haúl, na Arábia Saudita, ordenaram a retirada de um livro do programa escolar argumentando que este contém excertos de um texto extraído do Antigo Testamento que "contradiz" o Alcorão, o livro sagrado dos muçulmanos, revela o diário saudita Okaz. O livro em causa é proveniente de uma editora libanesa e contém, de acordo com as autoridades sauditas, "textos judaicos cujo conteúdo vai contra o Alcorão e a Sunna" - uma recolha dos feitos e pensamentos do profeta Maomé, que complementam o Alcorão. Segundo o jornal, o excerto do Génesis que aparece no livro conta a história do profeta Abraão e do sacrifício do seu filho Ismael. O Alcorão e a Torah (o livro sagrado dos judeus) reportam com variantes a história de Abraão e do seu filho Ismael, antes do nascimento de Isaac. No Génesis, o episódio do sacrifício de Abraão refere-se a Isaac, pai dos Hebreus, ao passo que no Alcorão é Ismael, pai das tribos beduínas da Arábia, que Abraão se prepara para degolar antes da intervenção do anjo Gabriel.

O jornal Okaz publica também um excerto do texto censurado onde é referido que Abraão recebe de Deus a ordem de sacrificar Isaac, seu filho único. Na Bíblia, o episódio do sacrifício de Abraão tem lugar após o Patriarca ter afastado Agar (escrava de Sara, mulher de Abraão) e Ismael (filho de Agar, que na tradição judaico-cristã é renegado) sendo Isaac, por essa razão, o seu "filho legítimo". Esta versão, porém, contradiz o Alcorão de um ponto de vista estritamente literal, já que o livro sagrado dos muçulmanos considera Ismael, no mínimo, em igualdade de circunstâncias com Isaac.

Os países ocidentais, em particular os Estados Unidos, acusam o sistema educativo saudita de incitar ao ódio religioso e à intolerância face a outras confissões religiosas que não o Islão sunita, a religião do Estado.

Em meados de Setembro, um relatório do Departamento de Estado americano afirmava que "não existe liberdade de religião" naquele país, lamentando que "a liberdade de expressão religiosa é negada à exceção daqueles que aderem à versão do Islão sunita, o Wahhabismo, doutrina puritana nascida no século XVIII.